

A CIDADE DE ACARI/RN: DO APOGEU AO ANONIMATO**M. L. M. Galvão**Campus Natal Central - Instituto Federal do Rio Grande do Norte
luiza.galvao@ifrn.edu.br

Artigo submetido em outubro/2011 e aceito em setembro/2012

RESUMO

Consta do presente trabalho uma análise do quadro de desaceleração socioeconômica da cidade de Acari, causada pelo fim das atividades das agroindústrias algodoeiras. Para a compreensão da cidade, adotamos como metodologia uma abordagem geohistórica, privilegiando, ainda que brevemente, a importância do gado e do algodão para origem e expansão, respectivamente do seu sítio urbano. Como discussão teórica, trabalhamos o conceito de cidade, com duplo objetivo: refletir sobre ela como lugar de reprodução do capital e das relações de trabalho; e compreendê-la como lugar da memória e da história. Por fim,

discorreremos sobre aspectos do cotidiano da cidade, objeto de estudo, na qual coexistem, como pares contraditórios, a crise, deflagrada desde o fechamento das indústrias, e o harmonioso cotidiano, embora anônimo, demonstrado pelos seus moradores. Por ter ocupado posição de destaque no cenário econômico e histórico do Rio Grande do Norte, abordamos a história e memória, para justificar a cidade como espaço de referência.

PALAVRAS-CHAVE: Acari-RN, algodão, gado, desaceleração econômica, história e memória**THE CITY OF ACARI/RN: FROM THE ACME TO ANONYMITY****ABSTRACT**

This paper presents an analysis of the context of the socioeconomic slowdown in the city of Acari, caused by the end of the activities of the cotton agro-industries. To understand the city, we adopted as our methodology a geohistoric approach, focusing, albeit in brief, on the importance of cattle and cotton for the rise and expansion, respectively, of the city urban site. For the theoretical discussion, we worked on the concept of city, with two objectives: to reflect on it as a place of reproduction of capital and of labor relations, and understand it as a place of memory and history. Finally,

we talk about aspects of the city life, our study object, in which coexist, as contradictory pairs, the crisis triggered since the closure of the factories, and the harmonious daily life, although anonymous, demonstrated by its residents. Having occupied a prominent position in the economic and historic scenario of Rio Grande do Norte, we address its history and memory to justify this city as our reference area.

KEY-WORDS: Acari-RN, cotton, cattle, economic slowdown, history and memory.

A CIDADE DE ACARI/RN: DO APOGEU AO ANONIMATO

INTRODUÇÃO

Mantida limpa pelos seus moradores, Acari é uma cidade com rico patrimônio natural, histórico e cultural, apresentando uma paisagem de rara beleza, tendo o rio Acauã bordejando seu centro e as serras, compondo o cenário de fundo em seu espaço urbano. Seu centro histórico conserva traços do tempo colonial, apresentando um patrimônio arquitetônico de relevo, como a Igreja do Rosário dos Negros e a antiga Casa de Câmara e Cadeia, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como testemunhas da história e memória do passado colonial.

Em seu contorno, para onde seu sítio se expandiu, estão em ruínas duas velhas indústrias algodoeiras que contribuíram para em Acari se desenvolver atividades industriais e comerciais ligadas ao algodão, a ponto de inseri-la nas relações internacionais do trabalho. Todavia, esse processo se esgotou a partir das transformações econômicas decorrentes da reestruturação produtiva nos países pobres em período subsequente à Segunda Guerra mundial. Suas consequências atingiram Acari, objeto de reflexão do estudo em tela, determinando o fechamento das algodoeiras com efeitos perversos sobre seu espaço.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o quadro de desaceleração econômica causada pelo fim das atividades econômicas e as consequências para a cidade. Para elaboração do texto, desenvolvemos sucinta trajetória histórica, utilizando os “caminhos” do gado e do algodão com vistas à compreensão da ocupação e expansão da cidade. No intuito de problematizar, fizemos uma discussão teórica, estabelecendo um diálogo com os autores que versam sobre a cidade, tanto do ponto de vista da História, quanto do ponto de vista das reflexões metodológicas.

ACARI NAS TRILHAS DO GADO E DO ALGODÃO

Acari, segundo Medeiros Filho (2002), foi criado em 11 de abril de 1833, considerado município em 18 de março de 1835 e elevada à condição de cidade em 15 de agosto de 1898. É a segunda cidade mais antiga do Seridó, sendo Caicó, a primeira da região. No território de Acari e nas terras em sua volta, os novos povoadores chegaram na primeira metade do século XVIII (aproximadamente 1718) e inauguraram as primeiras fazendas nas ribeiras do rio Acauã. Dentre os novos povoadores, destacaram-se Tomás de Araújo e seu irmão Caetano Dantas Corrêa, como registra Santa Rosa (1974, p. 31):

Chegou em 1720 o jovem português Tomás de Araújo Pereira, [...] Trabalhou, progrediu e montou fazenda de gado em Picos de Baixo, à margem do rio Acauã [...] seguiu em 1727 para a ribeira do Piranhas com um irmão o adolescente Caetano Dantas Corrêa, filho de português, e de lá mudou-se para o Acari, instalando fazenda de criação em Picos de Cima, a uma légua e meia pouco mais ou menos do povoado.

Acari teve seu território delimitado em 1833, e pouco depois, em 1835, tornou-se independente, quando foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Guia do Acari. Sobre sua

independência, afirma Medeiros Filho (2002, p. 234):

Em 1835, o território sujeito à jurisdição da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'ana do Seridó, cuja matriz ficava no Caicó, sofreu um desmembramento de parte de sua área, com a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Guia do Acari, que passou a exercer domínio sobre as capelas da Conceição (hoje Jardim do Seridó) e Currais Novos. No mesmo ano, era nomeado vigário do Acari o pe. Tomás Pereira de Araújo.

Em 1737, o local contava com um pequeno ponto de apoio logístico aos viajantes, denominado "A Pousada", situado às margens do "Poço do Felipe", no Rio Acauã, lugar onde viajantes e nativos pescavam um peixe chamado acaraí, o que originou o nome do lugar.

Nas trilhas do Seridó, feitas pelos aventureiros que buscavam rincões sertanejos, estavam as terras de Acari, onde a natureza oferecia condições para trabalho, descanso e pasto para animais. As vantagens do lugar determinavam parada obrigatória para esses homens que trilhavam a região. Nessa caminhada alguns se fixaram dando origem à comunidade acariense. Dentre as autoridades de relevo, estava o capitão-mor Manuel Esteves de Andrade, a quem se atribui sua criação e, pela história, se reconhece o seu poder como fazendeiro de gado nos domínios territoriais de Acari.

No período que se sucedeu à demarcação do território acariense, o ambiente rural de todo o Seridó foi alternado por períodos de secas e invernos, mas o seu espaço foi se reproduzindo mediante os benefícios conquistados com a construção de açudes e de uma estrada, ligando o Seridó ao atual município de Carnaubais, consolidando interesses comerciais e econômicos ligados à pecuária bovina.

No decênio de 1840, registraram-se períodos de grandes secas com destaque para a do ano de 1845, que atingiu todo o Sertão do Rio Grande do Norte e determinou que as populações migrassem para os brejos. Povos do Seridó migraram, principalmente, para brejos paraibanos, porém, dos moradores de Acari somente uma família se retirou e os que ali permaneceram superaram as agruras da seca numa só vazante: a do rio Acauã. Logo, fica evidenciada a vantagem ambiental de Acari no processo de povoamento e ocupação econômica do território. Manuel Antônio Dantas Corrêa, que se refere ao Acauã como o Nilo Acauã, citado por Medeiros Filho (2002, p. 266), ao descrever os efeitos da seca no Seridó e a mobilidade populacional, relata:

Só os moradores deste rio Acauã, hoje freguesia e vila do Acari, só uma pesada família de uma família se retirou; antes para aqui concorreram várias famílias de diversas freguesias a buscar abrigo para a vida, que na extensão de quatro a cinco léguas fez um povo numeroso com uma só vazante (tendo algum poço para o comércio) servindo de sustento os legumes, não só para seus donos como também para os viandantes que por aqui transitavam com suas cavalgadas.

Concebida como território de prosperidade, Acari concentrava uma sociedade de fazendeiros, onde o criador de gado exercia influência sobre os segmentos político, econômico e social da comunidade. Da sua conquista pelos sesmeiros até 1888, ano que oficialmente terminou a escravidão foi mantida inalterada a estrutura socioeconômica e espacial baseada na posse da terra, na criação do gado e na mão-de-obra. Dos alforriados, a maioria já era considerada agregada à família do fazendeiro de gado.

A cidade encontra-se localizada em município do mesmo nome, pertencente à

microrregião do Seridó Oriental, situada na mesorregião Central Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte. É banhada pelo Rio Acauã e seu município limita-se com outros municípios e com o Estado da Paraíba, sendo ao norte, Currais Novos e São Vicente; ao sul, Jardim do Seridó, Parelhas e Carnaúba dos Dantas; a Leste, Currais Novos, Carnaúba dos Dantas e Picuí (PB) e a Oeste, com São José do Seridó e Cruzeta. Está regionalmente integrada ao Estado pela BR 227 e RN 11. Veja Figura 1.

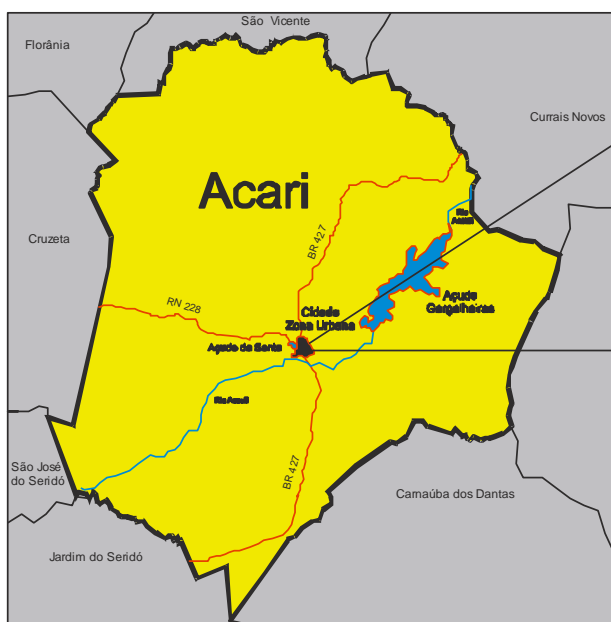


Figura 1: Acari - baseado em mapa do Idema e IBGE
Elaboração e fotos de João Galvão



Panorâmica da área central de Acari, vista da torre da Igreja Matriz



Área central de Acari vista a partir da Igreja em frente à SANBRA

Para compreender como o seu sítio urbano foi ocupado e se expandiu (ver Figura 2) é necessário recorrer às construções seculares do período colonial, como a Igreja dos Negros do Rosário¹, a qual deu origem à igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, a antiga casa de Câmara e Cadeia², hoje Museu do Sertanejo, e as edificações datadas do ciclo algodoeiro, período que propiciou prosperidade à cidade, como afirma Santa Rosa (1974, p. 118):

Acari é uma cidade que tem história, que tem prédios de tombo, que tem tradição, para onde vieram no século XVIII povoadores com situação social responsável, de cujo município se escolheram os Capitães-mores do Seridó. Deve, sim, programar sua vida no rumo da instrução, da aprendizagem técnica e da cultura intelectual mediana, com naturalidade, sem maiores ambições.

O patrimônio edificado na cidade, nesses quase dois séculos, também ajuda a compreender a importância da história, dos prédios e ruas coloniais do século XVIII, gestada por uma sociedade fundada no contrato social, (BRESCIANI, 2002, p. 30), que possibilita a

¹ Construída como capela de Nossa Senhora da Guia em 1736, por ordem do Sargento-mor Manuel Esteves de Andrade. SANTA ROSA, op. cit., p. 38. Em abril de 1738, recebeu a benção episcopal. BIANOR MEDEIROS, op. cit., p. 21.

² Em 1930, localizada no limite da cidade por volta de 1930. RUBENILSON BRAZÃO TEIXEIRA, op.cit., p. 527.

cidade colocar o mundo na história e trazer para o presente o legado das gerações mortas e de suas heranças imortais. No dizer da autora, na cidade, a história se constrói no espaço e no edifício público; nesses espaços, instauram-se possibilidades de ação pela presença coletiva dos atores sociais e pelo registro dessa presença dramatizada em espetáculo.



Figura 2: Vista aérea do centro de Acari
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Acari

INDÚSTRIA ALGODOEIRA: ASCENSÃO E DECLÍNIO

De surto algodoeiro, destaca-se o período compreendido entre 1861 e 1869, o da Guerra de Secessão, entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, que impede a produção algodoeira desse país, destruindo a economia da cultura do algodão dos Estados sulinos norte-americanos e desferindo uma severa crise comercial, com o declínio das exportações para o continente europeu, especialmente, na direção da Inglaterra.

A crise determinou a elevação do preço internacional da matéria prima, a emergência de novos mercados, o que favoreceu a retomada das exportações brasileiras, registrando um verdadeiro rush algodoeiro no Nordeste brasileiro. Foi a partir desse período que a economia do algodão conquistou lugar de destaque na região ao superar a agroindústria canieira, que era abatida internacionalmente pelo seu atraso tecnológico. O Rio Grande do Norte, em particular, teve grande impulso na produção de algodão, pois passou a exportar para a Inglaterra, e o Seridó despontou como produtor de algodão de fibra longa, denominado mocó, que pela historiografia se diz “o melhor do mundo”. Segundo Clementino (1987, p.51), esse algodão atende a todos os requisitos de comprimento, resistência, textura, para a confecção de tecidos da melhor qualidade. Seu beneficiamento industrial, especialmente do tipo mocó, nas usinas de Acari, elevou o município à condição de produtor e exportador. Sobre isso, Santa Rosa, (p.76), comenta:

Reforçava-se deste modo a economia do Acari. Passou-se a plantar a malvácea para atender à exportação. O fazendeiro juntou à função de criador a de lavrador. A cultura do algodoeiro para o mercado externo acarretou a necessidade do descaroçamento. Antes, esta operação efetuava-se à mão e era relativamente fácil executá-la, pois se retiravam os caroços num só movimento: eles estavam unidos, formando uma só peça.

No início do século XX duas usinas em Acari receberam máquinas de descaroçamento e beneficiamento do algodão, bolandeiras e locomóveis de tecnologia muito moderna, propiciando aumento da produtividade e posição de destaque regional no ranking das exportações do Seridó. Modernamente, a cidade registrou crescimento e progresso, imperativos que possibilitaram no lugar, certo reordenamento das atividades econômicas.

Veja a Tabela 1, abaixo:

Tabela 1

Número de beneficiadores de algodão existentes nos municípios da região do Seridó em 1910

MUNICÍPIOS	BENEFICIADORES	
	BOLANDEIRAS	LOCOMÓVEIS
Acari	27	09
Caicó	22	09
Currais Novos	25	06
Flores	10	08
Jardim	28	09
Serra Negra	12	06
TOTAL	124	47

Nota Fonte: CLEMENTINO, Maria do L. M. Op. Cit. p. 58. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola. Questionário sobre as condições da agricultura nos municípios do Estado do Rio Grande do Norte, 1910-1912, assim. Cf. Takeya, Denise Monteiro. Op. Cit. p. 79.

Acari prosperou com o capital comercial oriundo das exportações de algodão e essa prosperidade possibilitou a construção das melhores casas, estabelecimentos comerciais e até a conclusão das obras da igreja matriz de Nossa Senhora da Guia. Assim, até início da década de 1970, Acari foi lugar da indústria. Carlos (1988, p. 42), ao se referir às cidades como locais de atividades industriais, diz

A cidade aparece como localização da indústria, local de trabalho social, aglomeração de mão-de-obra, mercadorias, materialização das condições de produção, o urbano será analisado enquanto condições, meio e produto do processo de reprodução da sociedade em todas as suas instâncias.

Com duas usinas têxteis, Nóbrega & Dantas S.A. - Indústria e Comércio (Nóbrega&Dantas), local, e Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA), multinacional, (ver figuras 3 e 4), a cidade de Acari assume a função industrial. Ali se reproduzia o capital de importantes algodoeiras, com maior destaque a SANBRA, a maior do Nordeste, (CLEMENTINO, 1987, p. 219). Isso a inseriu em uma nova divisão social do trabalho e em um quadro de economia moderna. Essa nova dinâmica influenciou a ampliação do sítio urbano e sua organização socioespacial, redefinindo sua cartografia. Instalaram-se na cidade,

serviços urbanos públicos e particulares, bancários, escritórios de empresas de energia, água e telefonia.

A cidade cresceu, nela concentrando-se a vida municipal, em conseqüência de terem aparecido empregos proporcionados pelas pequenas indústrias instaladas - de descaroçamento de algodão, de óleo glicerídico, de alimentos - por algumas oficinas e por serviços públicos, como os de energia, águas e telefones.

Com a reestruturação do capitalismo depois da Segunda Guerra mundial, as indústrias multinacionais instaladas em regiões deprimidas dos países pobres exigiam três condições para sua permanência na cidade: fornecedora de matérias-primas, mão-de-obra barata e abundante e mercado consumidor em expansão. Para Acari, que atendia somente à primeira condição, fornecedora de algodão, a crise tornou-se inevitável. A incapacidade de financiamento do setor público e suspensão de entrada de capitais multinacionais nesses lugares aprofundou a crise. Carleial (1993, p. 50) afirma:

O Nordeste está integrado à matriz produtiva nacional de forma subordinada e reproduz o tardio do tardio em sua industrialização. A sua inserção na matriz produtiva nacional se faz através do subsetor de produção intermediária e de bens de consumo não duráveis. Desse modo, não consegue ter autonomia produtiva nem estabelecer um fluxo permanente de geração de emprego, notadamente o emprego industrial. Assim sendo, ganha relevância o emprego público e o terciário.

A desaceleração da economia acariense, dependente da agroindústria algodoeira, posterior à falência da atividade em pauta, gerou desemprego, limitou o comércio e potencializou as migrações e deixou a cidade na penumbra. Consubstanciada no dizer de Clementino (2003, p. 397):

A crise do algodão, já nos anos 70 (com a presença do bicudo e as alterações na demanda, no padrão tecnológico e empresarial da indústria têxtil, modernizada no Estado e, mais recentemente, as políticas associadas ao Plano Real), contribuiu para dificultar, ainda mais, uma saída para essa secularmente frágil economia sertaneja.

O processo de mudanças ocasionou crises na agroindústria do Nordeste e, em particular, falência da economia industrial de Acari com o fechamento das indústrias algodoeiras. O declínio da economia acariense produziu também mudança na rede urbana regional, quanto à sua posição frente às economias do seu entorno. Dependente, sobretudo dos dois polos regionais do Seridó, Currais Novos e Caicó, Acari perdeu a condição de centro de produção industrial e se transformou cidade de passagem obrigatória para todos os viajantes que buscam seus vizinhos.

As indústrias de descaroçamento de algodão e de produção de óleo glicerídico correspondiam as de maior capital, geradoras de empregos diretos e indiretos e, sobretudo polarizadoras das atividades urbanas, produtoras e reprodutoras da sociedade local.

Investir em indústrias do centro-sul do Brasil foi decisão da política nacional desenvolvimentista, a qual financiava a instalação de industriais têxteis, com novos padrões tecnológicos e voltados para maiores mercados consumidores. Em decorrência dessa política, as cidades e regiões perdedoras de indústrias foram transformadas em locais de pouca expressão. A cidade, a exemplo de Acari, não mais vista como lócus de reprodução da força de trabalho, (ABREU, 2002, p. 54), agroindustrial, e sem a circulação de capital, que aquecia o

comércio local, passa a ser espaço de convivência de crise local, aprofundada pelos desequilíbrios regionais.

Discutindo os desequilíbrios regionais, decorrentes do processo de reestruturação produtiva (CORRÊA, 1989, p. 12), define o Nordeste como região das perdas econômica, demográfica e política, e explica a raiz das causas:

O declínio já é antigo e pode ser caracterizado pela crescente e menor importância da cultura canavieira, em parte sustentada por uma política protecionista, e pela queda da participação relativa na produção nacional de algodão, dois de seus mais tradicionais e importantes produtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Acari, restaram as indústrias familiares e o comércio local, limitadíssimo e sem condições de absorção da mão de obra desempregada em consequência da crise. Para Felipe (1988, p. 25), ao analisar o quadro de crise, admite que “sem as fábricas e as usinas, alguns desses municípios, reduziram as suas sedes municipais, a chamada área urbana, a exercerem funções de dormitórios de desempregados e aposentados”.

Esse quadro de inércia (CORRÊA, 1979, p. 109), entretanto, é muito forte. A sobrevivência dos pequenos núcleos, em razão dos serviços de que dispõem e da sociabilidade que viabilizam, é efetivada por meio de sua transformação funcional. Na pequena cidade de Acari, estão mantidas a limitada atividade terciária e a permanente convivência com crise econômica.

Do processo de transformação da cidade de Acari, que muda de centro de produção e organização da produção agroindustrial algodoeira para a função econômica terciária, derivam mudanças na vida urbana, revelando desigualdades, conflitos de interesses, pobreza e exclusão. Tudo isso resultado de *transformações que afetavam as estruturas sociais do mundo capitalista, especialmente as suas cidades* (ABREU, 2002, p. 50).

A cidade que construíra dialeticamente a prosperidade e a estagnação econômicas nos remete a uma indagação: por que Acari é uma referência? Nossa intenção não é responder, mas refletir, já que o assunto enseja outra discussão. Nesse sentido, Abreu (1998, p. 86), discutindo sobre memória da cidade, afirma: *A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço*. Isso nos faz compreender Acari, como lugar de referência, seguindo a vertente da história e memória, a qual Abreu (p. 91) possibilita interpretar como lugar de superação, consubstanciada na sua história e a memória, enquanto espaço concreto, onde se desenrola a vida cotidiana desde o seu surgimento.

A cidade tem um jeito próprio de ser. É considerável o zelo pela arquitetura e elementos urbanísticos. Sua história, seus monumentos e sua beleza natural, se destacam na paisagem como guardiões do seu passado colonial.

Apesar da importância do padrão urbanístico colonial, presente em sua paisagem, da posição de centralidade na rede urbana regional e da harmoniosa vida urbana local, Acari

ainda não foi devidamente reconhecida. Assim, nós a compreendemos, assim nós a percebemos.

Da cidade agroindustrial à cidade dos desempregados, dos informais e dos servidores públicos. Acari é hoje um espaço do terciário, com predomínio de atividades do circuito inferior da economia urbana; seu comércio local é limitado e os serviços pouco expressivos.

Contudo, nas circunstâncias de crises, as atividades ali desenvolvidas são relevantes na vida e cotidiano dos seus moradores. A estreita relação dos acarienses com o lugar parece ser o motor da superação das crises recorrentes, desde o apagar da sua economia agroindustrial. Essa é uma das visões que nos permitem identificar essa superação frente à decadência das atividades agroindustriais.

Sucedendo o fechamento das indústrias, a desaceleração das atividades econômicas ocupou lugar central, engessando a vida da cidade, na qual nenhum projeto de desenvolvimento socioeconômico foi criado em substituição às atividades agroindustriais.

Nesse esforço de reflexão sobre a cidade e considerando a reestruturação produtiva, concluímos que o capital produtivo das grandes corporações privilegia as grandes cidades, detentoras de complexa estrutura industrial e participantes da atual divisão do trabalho global. Nesse sentido, a pequena cidade de pequenos estabelecimentos comerciais e sem possibilidades de modernizar sua infraestrutura precisa criar alternativas de desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Mauricio de Almeida. A cidade da geografia no Brasil: percursos, crises, superações. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 295p.
2. _____. Sobre a memória das cidades. Revista da Faculdade de Letras. Geografia I série. Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.
3. ANDRADE, Manuel Correia de. O desafio ecológico - utopia e realidade. São Paulo: HUCITEC, 1994. 108p.
4. BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 295p.
5. CARLEIAL, Liana Maria da Frota. A questão regional no Brasil contemporâneo. In: CARLEIAL, Liana M. F.; LAVINAS, Lena; NABUCO, Maria Regina (Org.). Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 35-58.
6. CARLOS, Ana Fani A. A indústria e o urbano. In: CARLOS, Ana Fani A. Espaço e Indústria. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 34-51.
7. CORRÊA, Roberto Lobato. Processos Espaciais e a Cidade. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1979. Ano 41 (3). Notas sobre os principais acontecimentos na agricultura brasileira no primeiro semestre de 1979. P. 100-110.

8. CORRÊA, Roberto Lobato. SEMANA DE GEOGRAFIA, 10, 1989, Florianópolis. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana - Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. Florianópolis: GEOSUL, 1989, nº 8 - Ano IV.
9. CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. O maquinista de algodão e o capital comercial. Natal: Ed. Universitária, 1987. 272p.
10. _____. Rio Grande do Norte: novas dinâmicas, mesmas cidades. In: BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos; GONÇALVES, Maria Flora (Org.). Regiões e cidades, cidades nas regiões. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 387-404.
11. FELIPE, José Lacerda A. Elementos de Geografia do Rio Grande do Norte. Natal: Ed. Universitária, 1988. 100p.
12. MEDEIROS FILHO, Olavo de. Cronologia seridoense. Coleção Mossoroense, série "c", v.1268. [s.l.]: Fundação Vingt Rosado, Fundação Guimarães Duque, jul. 2002. 307p.
13. SANTA ROSA, Jaime da Nóbrega. Acari: fundação, história e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. 144p.
14. SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001. 476p.
15. SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1996. 4 ed. 126p.
16. _____. Por uma outra globalização: do pensamento único à cultura universal. Rio de Janeiro: Record, 2000. 176p.
17. SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: século XVI ao XX. Natal: Clima, 1994. 300p.
18. SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C.; SILVA, José B. da (Org.). A cidade e o urbano. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 85-92.
19. TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Da Cidade de Deus à Cidade dos Homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2009. 579 P.